

# De lá para cá

**Foram lá para fora fazer mais e melhor nas suas áreas de formação. Estudando ou trabalhando, rumaram à conquista do globo, mas voltaram a casa para empregar o que aprenderam. Saiba como estes portugueses singraram além-fronteiras e ensinaram ao mundo como se diz sucesso em português**

**P**rimero foram os navegadores em busca de novos mundos. Logo em seguida, os emigrantes ansiando por um futuro mais risonho. Hoje, mais de meio século depois dos Descobrimentos, é a vez de os estudantes partirem do seu retângulo à beira-mar plantado, conquistando territórios onde hasteiam a bandeira da experiência nacional.

No leme das naus de saber que zarparam para lá da fronteira, o Processo de Bolonha e a livre circulação dentro da União Europeia são os principais responsáveis por fazer do século XXI a era da mobilidade no conhecimento. De ano para ano, as instituições de ensino superior europeias e mundiais recebem verdadeiros exércitos de alunos de outras nacionalidades, que em comum têm a ambição de vencer fora dos seus países de origem.

É verdade que todos se deixam conquistar pelo entusiasmo de ir beber à diversidade cultural e às realidades laborais e de ensino distintas. Certo é também que alguns fazem dos países de acolhimento morada para novas aventuras no estrangeiro. Porém, muitos são aqueles que retornam a Portugal trazendo consigo uma bagagem repleta de competências valiosas e um passaporte com o carimbo das mais destacadas instituições internacionais.

## Gestão fora de portas

Num planeta disfarçado de aldeia, as distâncias encurtam-se e dão o mote para que quem estuda aproveite o 1.º ciclo de ensino para percorrer as suas primeiras milhas aspirando a outras vivências fora de portas. Foi assim com João Cardoso,

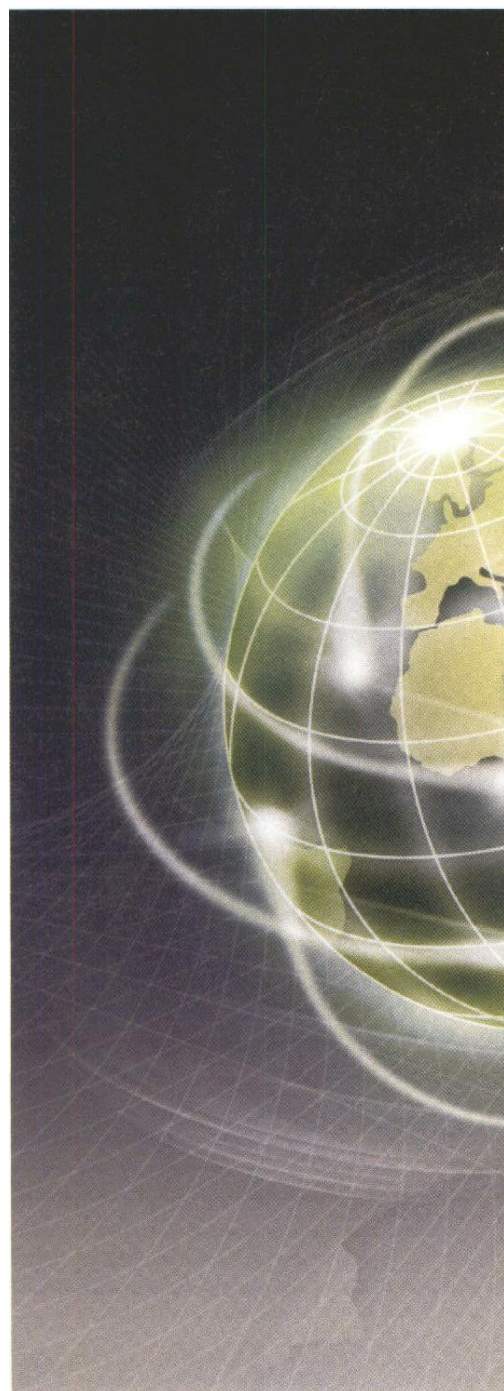
21 anos, no primeiro semestre do último ano da licenciatura em Gestão no ISCTE. O destino eleito foi a Vrije Universiteit, em Amesterdão.

João foi um dos 200 mil estudantes do ensino superior, segundo dados revelados pela União Europeia, que no período de 2008-2009 recebeu formação ao abrigo do Programa Erasmus e um dos mais de dois milhões de jovens europeus que, desde o lançamento da iniciativa de intercâmbio, em 1987, varrem a Europa em busca de novos horizontes académicos.

Açoriano de alma e sotaque, João queria absorver a vertigem cultural holandesa, *melting-pot* de línguas e costumes, mas não deixou de retirar lições preciosas para a vida e para o seu futuro profissional. "O sucesso ou insucesso de um negócio é muitas vezes fruto de má gestão, quando os profissionais ficam presos a modelos de gestão obsoletos e não veem o que se passa à sua volta", argumenta.

Ao agora mestrando em Marketing, de novo no ISCTE, a "marca" Erasmus colou-se-lhe à pele. De tal modo que a experiência adquirida em Amesterdão foi determinante para que, juntamente com outros dois colegas do mesmo mestrado, João vencesse a final internacional da

**Na era do Erasmus, cada vez mais alunos usam uma experiência internacional para enriquecer o currículo e abrir oportunidades**



18.ª edição do Concurso L'Oréal Bransform, que envolveu 7085 estudantes de 43 países.

## Guião com final feliz

"O que eu procurava era algo em que pudesse aprender aquilo que me interessava teoricamente, mas sobretudo com uma componente empírica significativa",

**Data:** 09.09.2010

**Título:** De lá para cá

**Pub:**

**VISÃO**

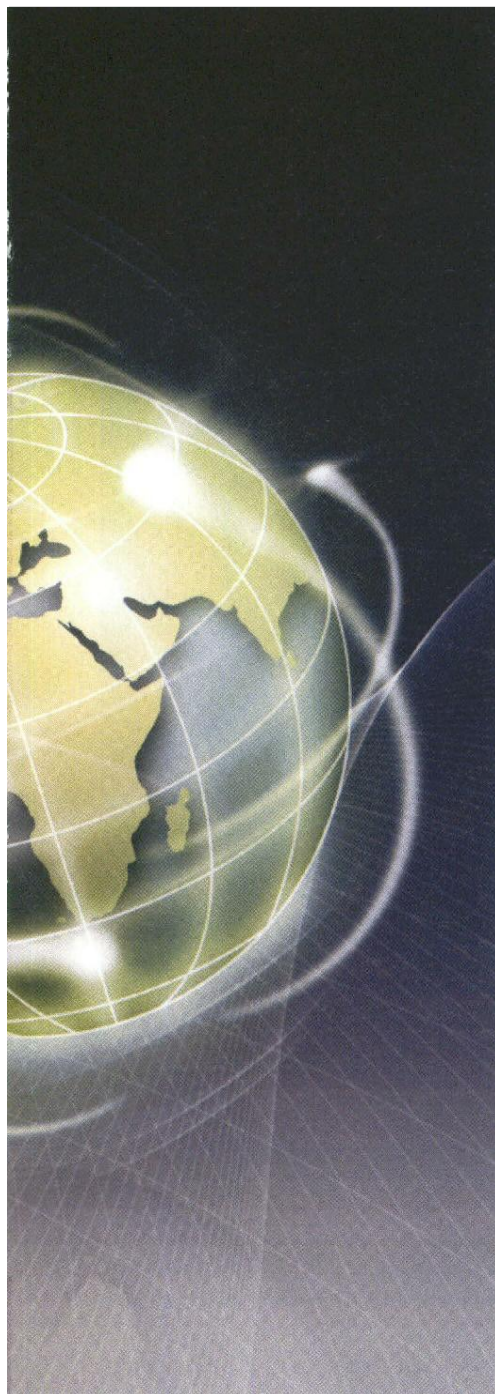
**SUPLEMENTO  
ESPECIAL**

**clipping**  
consultores

**Tipo:** Revista Nacional Semanal

**Secção:** Nacional

**Pág:** 24;25;26;27



explica Marcos Oliveira, 21 anos. Se na licenciatura em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH) a vertente teórica foi privilegiada, Marcos decidiu seguir a bússola da prática até Madrid, onde se pós-graduou com distinção em Escrita para Cinema e Televisão, na Escuela

Área: 1100cm² / 55%

Tiragem: 110.500

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3306967



Superior de Imagem e Somido CES.

Ofuscado pelo brilho das câmaras e dos equipamentos de última geração e pelos estúdios próprios onde se realizavam as aulas técnicas, desde o início do seu percurso na FCSH que o formado na área dos Audiovisuais maturou a ideia de sair do País ao aperceber-se da "escassez de oferta intensiva de estudos em guionismo" a nível nacional. Certo de que o guião desta aventura não poderia ser escrito senão em espanhol fluente, ainda que não lhe tivesse sido solicitado qualquer certificado linguístico, Marcos inscreveu-se, primeiro, num curso do idioma castelhano em Lisboa.

No rescaldo da pós-graduação agora terminada, o jovem destaca a constante preocupação com os alunos, havendo, inclusive, um dia por semana destinado por completo ao esclarecimento de dúvidas. Porém, o bilhete de ida para a capital espanhola tinha volta marcada para o final do ano letivo de 2009/2010. Apesar do apelo cosmopolita madrileno, "tendo cá potenciais condições de trabalho, não fazia sentido ficar por lá, para mais quan-



**João Cardoso**

Mestrado em Marketing,  
ISCTE

do em Portugal uma referência no CV a estudos no estrangeiro não passa – nem deve passar – indiferente", sublinha.

### Todos diferentes, todos europeus

E se os alunos se lançam numa verdadeira corrida ao saber sem fronteiras, quem forma os professores para o movimento constante de estudantes, recursos e conteúdos? George Camacho, coordena-

nador das Relações Internacionais da Escola Superior de Educação de Santarém (ESES) e provedor do Estudante do Instituto Politécnico da cidade, é um exemplo de que a preparação do corpo docente é imprescindível para que a revolução operada pelo Processo de Bolonha decorra sem fazer baixas.

O também professor nas áreas de Geografia e Educação Ambiental e ex-membro dos Conselhos Científico e Pedagógico da ESES considera que instituições, estudantes e docentes têm que procurar concertar esforços para estar à altura dos desafios que se vão colocando. Licenciado em Geografia pela Universidade de Coimbra em 1983, mestre em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa em 1998 e em processo de conclusão do doutoramento em Educação, Cultura e Sociedade pela Universidade de Vigo, George Camacho realça a proximidade como uma das principais mais-valias extraídas da cooperação internacional. "Em Vigo, como noutras organizações um pouco por toda a Europa, destaco uma

**"Tendo cá condições de trabalho, não fazia sentido ficar por Espanha", explica Marcos Oliveira, que estudou Guionismo em Madrid**

relação de maior cooperação entre os corpos docente e discente, sem o distanciamento institucional que é comum na nossa realidade doméstica", adverte.

A sua relação com a Galiza, onde descobriu "uma identidade cultural e linguística própria", reforçou também o reconhecimento de que a circulação de recursos humanos no ensino superior, sobretudo dentro da UE, é determinante para abrir de vez as portas à construção da cidadania europeia. "O contacto com línguas, culturas e realidades socioculturais distintas é fundamental para a refundação da experiência educacional", defende.



**JORGE GRAVE**

Investigador, Centro de  
Astrofísica do Porto

**Globetrotter das estrelas**

Quem se habituou a desafiar os limites do cosmos sabe também que a cidadania faz mais sentido quando é vivida universalmente. Para Jorge Grave, 27 anos, investigador no Centro de Astrofísica da Universidade do Porto (CAUP), o firmamento tem gosto de casa, ou não fosse a sua área de especialização a Formação Estelar. Depois de concluída a licenciatura em Física/Matemática Aplicada – ramo

de Astronomia, em 2004, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, inscreveu-se no Programa Doutoral de Astronomia na mesma instituição, onde completou a fase curricular. A opção por um projeto de investigação no qual se dividiu entre o CAUP e o exterior não surgiu por acaso. “Escolhi um projeto com componente mista porque queria ter a oportunidade de trabalhar em instituições com filosofias e métodos de trabalho diferentes”, admite. A aguardá-lo, o Jodrell Bank Centre for Astrophysics na Universidade de Manchester, que lhe permitiu uma permuta de conhecimento com especialistas em áreas ainda sub-representadas em Portugal.

**O investigador Jorge Grave encontrou no Reino Unido “uma dinâmica de trabalho muito grande”, que agora trouxe de volta a Portugal**

Lá fora tudo se passa a uma escala diferente, proporcionando ao investigador uma “dinâmica de trabalho muito grande”, o que se refletiu numa produção científica muito elevada e no contacto com instrumentos de observação que, de outro modo, lhe estariam vedados. Após esta experiência em Inglaterra, Jorge teve ainda o privilégio de voltar a contactar com a elite da astrofísica, contando com uma estada no Jet Propulsion Laboratory da NASA, onde aprendeu a utilizar ferramentas úteis no tratamento de imagens do telescópio espacial Spitzer. Esse *know-how* está a ser aplicado diretamente na investigação que está a desenvolver, adianta. Decididamente, se a mobilidade dos nossos dias nos tem dado histórias de portugueses a triunfar no estrangeiro, também nos conta outras, menos ouvidas, daqueles que, tendo sucesso lá fora, não deixam de regressar a casa para aplicar o que aprenderam. Porque o futuro faz-se onde estiver o talento. E esse pronuncia-se cada vez mais em português. ■